

FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930)*, 2.ed., São Paulo, Global, 2006, 392 pp.

Lilia Katri Moritz Schwarcz
Universidade de São Paulo

“A verdade é que esse diário foi mantido durante anos como um documento estritamente íntimo, por ninguém lido ou conhecido. Relendo o que escrevi há anos, não deparo com nenhum auto-elogio ostensivamente deselegante, nem com excesso de complacência para com a minha própria pessoa.” É dessa maneira que Gilberto Freyre, antes de iniciar propriamente o seu diário do período que vai de 1915 a 1930 – anos de infância e primeira mocidade –, refere-se a si mesmo e ao seu depoimento.

Editado pela primeira vez em 1975, *Tempo morto* é, não obstante, um exemplo em tudo diverso ao que seu autor anuncia. Em primeiro lugar, longe de ser um diário infantil ou ingênuo, o livro foi evidentemente escrito e reescrito como uma autobiografia disfarçada. Tanto que nele reconhecemos algumas “pistas” cuidadosamente deixadas por Freyre, que viria a ser, a partir da década de quarenta, um famoso intérprete do Brasil. Nas páginas do diário vemos como, já na infância, o autor manifestaria interesse pelo popular. Por outro lado, ainda na juventude selecionaria a figura emblemática de Franz Boas como seu mentor intelectual, assim como declararia sua vocação prematura para a antropologia. Tudo parece premeditado, como uma história em que se sabe de antemão o final.

O diário também não é exatamente um diário. Afinal, Gilberto Freyre sempre foi um autor de si próprio, um animador da sua própria figura. A cada nova edição de seus livros e a cada crítica que recebia, o autor se esmerava em responder a tudo e a todos. É por isso que soa estranho Freyre conservar “esse documento íntimo” de sua pessoa tão pública.

Diários são mesmo peças literárias paradoxais. Muitas vezes, de tão privados que são, geram grandes constrangimentos, sobretudo quando publicados de forma desavisada. Esse é o caso do antropólogo polonês Bronislaw Malinowski, cujo diário foi editado sem autorização pela viúva, logo após sua morte. O resultado foi desastroso, uma vez que, no lugar do etnógrafo romântico – sempre bem disposto ao lado dos nativos –, emergiu a imagem de um profissional bastante impaciente diante das populações que estudou.

Diferente é o caso dos diários que nascem públicos, como os dos governantes. Dom Pedro II, por exemplo, manteve um diário que era uma verdadeira peça de Estado. O máximo de intimidade que pode ser encontrado nessas páginas é saber se choveu ou fez sol, ou quantos degraus o soberano subiu em determinado dia. Enfim, nada mais tedioso para quem está à cata dos escândalos da vida cotidiana.

Mais estranho ainda seria não encontrar privacidade nas páginas de Freyre. Justo ele, um aficionado dos documentos escritos em primeira pessoa – como cartas, diários, autobiografias, memórias –, não deixaria passar a oportunidade de falar sobre si mesmo e de elevar sua própria pessoa. Em certo momento da narrativa, em 1917, ainda com dezesseis anos de idade, Freyre confessa ter escrito parte da tese de seu pai e acrescenta: “meu trecho não está mau... tem movimento, flexibilidade e mais plasticidade”. Sempre colocando na boca dos outros o auto-elogio, afirma que seu mestre americano, Armstrong, o chamava de *genius*, e que certa feita reclamou que ele estudava demais – “por dez alunos até”. Em 1822, quando já deixara os Estados Unidos, refere-se a uma carta

que teria sido endereçada a seu irmão Ulisses e que serve de “testemunho” da *performance* de sua *performance* na América: “*We hate to see Gilberto leave. He is a wonder and I believe he will do something worth-while. A wonder, a genius.*”

O diário é, assim, só pretensamente um exercício de “Tempo morto”. Como uma memória reconstruída, ele é na verdade todo feito de “agoras” e de sinais do porvir. Outro exemplo: em 1924 o futuro antropólogo fala de sua real vocação, afirmando que escreveria “um livro sobre o que tem sido nos vários Brasis a meninice dos vários tipos regionais brasileiros que formam o Brasil”. Aí está um pretexto para abrir a janela e reconhecer não só o impagável estilo literário de Freyre, como suas belas anotações, que farão sucesso em *Casa Grande e Senzala*, de 1933.

A pimenta da sexualidade está por toda parte: no menino que não se masturbava, mas que com o tempo fará da prática um estilo; na iniciação com uma vaca quase mulher; na mania de felação das americanas; nas casas de moças em Recife e na preferência pelas mulatas de corpos esculturais.

Também a família compõe parte importante desse diário pouco íntimo. A mãe que de bonita torna-se quase feia (aos olhos do menino que cresce); o pai bem formado; o irmão que experimenta tudo à sua frente – todos pedaços de uma biografia marcada por uma ordem patriarcal nordestina.

O diário também permite acompanhar a formação desse personagem, dado a muitos saberes. Freyre deixa conhecer seus autores prediletos na literatura e na filosofia, assim como descreve sua formação em Colúmbia, seu encantamento por Nova York e suas viagens, que incluem os Estados Unidos, a França, a Alemanha, a Inglaterra e Portugal.

No exterior ou no Brasil, Freyre destaca “as coisas brasileiras” que fizeram seu sucesso no estrangeiro – como o fato de ser um homem exótico e tropical – e marcaram sua formação por aqui. Com seu hu-

mor costumaz, o antropólogo desfaz das manias de “doutorico” dos brasileiros ou brinca com o caso do inglês que morreu de bicho-do-pé, esclarecendo que “brasileiro é que não morre de bicho-do-pé”.

Na base da intimidade, comenta sobre seus contatos com os modernistas, ainda em Paris, e sobre o desconforto que sentiu diante da atuação desses senhores no Rio e em São Paulo, em 1922, considerados por ele um pouco “artificiais” e dados “a assimilar facilmente o vanguardismo europeu”. Graça Aranha, escreve ele, “ainda não se apresenta enxuto, mas muito impregnado”. Seu amigo Vicente do Rego Monteiro é que seria o único “genuinamente moderno, sem deixar de ser brasileiro”.

Freyre, por sinal, começava, nesse contexto, a formar seu grupo. Já em Recife, e de bicicleta, fazia seu “*field-work* de estudante de Boas” e dedicava-se às “coisas nossas”. Também em 1924 se vincularia ao Centro Regionalista do Nordeste e fundaria com os colegas de Recife um outro modernismo; menos influenciado, vangloriava-se Freyre, pelas vogas do exterior. Mas no diário tudo parece confissão de intimidade, naturalizada pelo tempo.

Como quem comenta um livro ou uma paisagem, Freyre desdenha de alguns grupos para se filiar a outros. Rui Barbosa padeceria de “uma enorme falta de identificação com o Brasil básico, essencial e popular”. Já Joaquim Nabuco seria o intelectual, “o homem público, identificado com o elemento popular e ao mesmo tempo tradicional”.

O final do diário, pretensamente uma interrupção qualquer, é marcado por um momento quase ritual; o exílio de Freyre em 1930. Por sinal, a partir desse ano o texto segue em ritmo acelerado. Em primeiro lugar, Freyre faz “romance” do rapto de uma jovem “ainda quase menina” (Maria Cavalcanti de Albuquerque de Mello Menezes) por seu irmão (Ulisses de Mello Freyre); os dois eram meios-primos. Freyre descreve a mãe desolada, o pai nem tanto e lamenta a falta de confiança desse irmão, que sempre fora um parceiro de aventuras. Por outro lado,

como antropólogo que é, recupera o lado endogâmico da família, assim como releva a diferença de idade dos cônjuges: “Por que não? Há quase sempre, na mulher, alguma coisa de incestuosamente filial no seu amor por um homem, e no amor de homem por mulher, alguma coisa de incestuosamente paterno.”

Mas nem tudo pode ser reincorporado ao rígido circuito da aristocracia recifense. Em 1930, a casa dos Freyre é saqueada, tornando-se incerto o destino de papéis, livros e relíquias da família. Por fim, viria o exílio: “Hoje, dia chuvoso, véspera de Natal, só me ocorrem palavras sentimentalonas. ‘Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá...’.” Freyre pega carona no poema natal para reclamar que “nem as aves gorjeiam como lá, nem as pessoas falam ou as flores cheiram. Nada é como lá”. São outras as terras do exilado brasileiro, e o escritor faz de seu diário um relato saudosista, assim como termina desesperançado e “morrendo dentro do tempo”.

Tempo morto e outros tempos é feito para legar seu autor à posteridade: uma belíssima peça de literatura sob a forma de pretense diário. Um passado que nunca esteve tão presente e previsível. Como diz Freyre, o diário é peça de uma saudade sem prazo fixo. Nesse documento, o passado aparece tocado pela toada feita de lembranças: a saudade de um tempo ainda vivido. Por isso mesmo, pouco importa tentar distinguir fato e ficção. Passado e presente aparecem indiscriminados na pena desse grande personagem da nossa intelectualidade, que sempre foi um exímio inventor de si próprio e de um certo Brasil.